

2025

Um conto pós Covid-19

Rodrigo Tenan

Relógio Casio	8
A cidade e seus atletas	12
As manadas da morte	16
O Viajante	19
Explorando a cidade do rei	23
A montanha mística	28
Fugindo do inferno	33
Miriam	36

“A morte é mais leve que
uma pluma...
A responsabilidade de
viver é mais pesada do
que uma montanha.”
Provérbio
Japonês

Relógio Casio

Está ficando tarde, olho pro relógio de pulso Casio com sua pulseira já improvisada pela terceira vez, e me pergunto se algum dia eu não criarei coragem ou vergonha, e o trocarei, pegando qualquer relógio que eu quiser em alguma loja de departamentos...

Afinal, estas lojas seguem com seus estoques quase inalterados, os saqueadores, descobri depois, não eram gananciosos, assim como eu também não era... É como se de alguma forma, ficassem na Terra apenas as pessoas de gostos simples, de um apetite coerente, se é que isto algum dia existiu lá fora.

Ando pela área que escolhi momentaneamente viver, estou aqui acredito que já fazem alguns meses, três ou quatro, olho para o Casio como se ele me desse uma dica dos meses exatos, mas o que vejo são só os números em uma luz amarela meia boca 18:58, preciso andar pelo perímetro, me certificar que as barricadas estão firmes, e a armadilha em seu lugar e armada.

Por sorte, achei este lugar já com esta armadilha e suas barricadas instaladas, digo sorte, mas na verdade, a esta altura da situação do mundo, o que mais se encontra por ai são estas moradas cercadas de barricadas pelos lados. Acredito que o pior momento quando vemos o mundo definhando a nossa volta seja aquele divisor de águas, que nem sempre fica muito claro para quem está no perrengue diário e tentando não se contaminar para seguir com sua vida e seus sonhos. Temos de construir

tudo do zero, imaginar onde fazer sua morada ou refugio, o que colocar ao redor para se proteger, seja das pessoas contaminadas, seja de algum animal mais perigoso que possa invadir seu quintal e destruir sua pequena plantação, seu jardim, ou seja, lá o que você, naquela altura, ainda pensava em cultivar para lembrar um pouco de como era o mundo antes da infecção.

Apesar de não saber direito quantos meses estou por aqui, sei que a infecção entrou na nossa vida há quase cinco anos. No primeiro ano, as autoridades pediram cuidado com os idosos, e estavam certas, a pandemia varria os idosos da face da Terra. Confesso que em certo momento, achei muito conveniente para muitos governos esta baixa nos idosos, sobretudo pela questão de que em muitos países os gastos com a aposentadoria é um problema, com a população ficando cada vez mais velha.

E então começou o segundo ano, e o vírus teve algumas mutações, contaminando os mais jovens. Reparei que ninguém na TV mencionava que muitos que eram intubados e não resistiam, eram pessoas mais obesas, talvez os jornais estivessem resguardando este detalhe para não alarmar boa parte da população?

No terceiro ano a coisa ficou ainda mais séria, pessoas sedentárias morriam em suas casas com seus pulmões tomados pela infecção, sejam elas idosos, obesos, jovens e pensávamos que aquilo nunca teria fim. Alias meus pais conseguiram chegar até este terceiro ano, de alguma forma foram infectados e quando os visitei num dia, estavam reclamando de dores nas costas, uma semana depois, na minha próxima visita, vi ambos deitados na sala, próximo da porta, já totalmente sem vida, tentando

reunir esperanças para pedir alguma ajuda que nunca chegou...

Dizem que em um filme, se durante todo ele, não há um único disparo de arma de fogo sequer, quando este disparo acontece, lá no fim do filme, nem que seja um disparo apenas, este tem um peso enorme, pois é uma alteração brusca no ritmo do filme e dos personagens envolvidos. O contrario também é válido, se em um filme existem vários tiros, esta violência começa a ser absorvida por quem assiste, e um ou trezentos tiros não fazem mais tanta diferença, tornou-se parte do filme, você não se choca nem se surpreende quando o vilão tem uma metralhadora que cospe varias balas por segundo.

Fiz esta comparação com os tiros em filmes, pois nos acostumamos com a morte nestes últimos anos de uma maneira que fazia tempo que não o fazíamos. Os mortos pela infecção só aumentaram durante cada ano que passava, do primeiro ao terceiro ano foram muitos, sendo o ápice no terceiro ano, com uma nova variação que até mesmo os sedentários definhavam. Assim como os tiros num filme, ficou relativamente normal vermos dez, quinze mil mortes diárias pelo mundo nos primeiros dois anos, tornando-se cem, duzentas, até dias de quinhentas mil mortes diárias no terceiro ano.

Fazendas viraram cemitérios gigantes, valas abertas com tratores e os corpos depositados ali, lembrando certa época obscura da segunda guerra mundial e a perseguição nazista, mas agora, era em uma escala muito maior e desta vez, o inimigo não usava suástica no uniforme, era invisível, a nível microscópico, de formato